



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

869.8
C348Pu
1871

A 474022

PROPERTY OF
*University of
Michigan
Libraries*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS





PURGATORIO

E

PARAIZO


DRAMA

EM TRES ACTOS

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SEGUNDA EDIÇÃO



PORTO

EM CASA DE CRUZ COUTINHO — EDITOR.

Rua dos Caldeiros, 18 e 20

1871





1/11.00

PURGATORIO E PARAIZO

ONTARIO SOCIETY OF ENGINEERS

PURGATORIO

E

PARAIZO

DRAMA

EM TRES ACTOS

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SEGUNDA EDIÇÃO



PORTO

EM CASA DE CRUZ COUTINHO — EDITOR

Rua dos Caldeireiros, 18 e 20

1874

1874

869.2

2348

1871

PURGATORIO

LIBRO

DE

LA

TIPOGRAFIA

DE

TIPOGRAFIA

DE LA TIPOGRAFIA DE LA TIPOGRAFIA

TIPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO
Rua Ferreira Borges, 31

98111 - 013

AO MEU AMIGO

ANTONIO FERREIRA GIRÃO

OFFEREÇO

ESTE ENSAIO DRAMÁTICO

TO THE

THE

OF

THE

PESSOAS

D. EMILIA DE SÁ..... 38 annos.
LUIZA AMELIA 19 »
ALFREDO DE TOVAR 19 »
BERNARDO DE MASCARENHAS..... 40 »
JORGE DE SÁ..... de 20 a 25 »
CONSELHEIRO NOBREGA.....)
BARÃO DE VILLA-MARIM)
FRANCISCO DE SÁ.....) meia idade.
O PRIOR DE BEMFICA)
MEDICO)
ALFAIATE.
BOLEIRO.
DOIS CRIADOS.

São scenas da actualidade, passadas em Lisboa e Bemfica.

ACTO PRIMEIRO

Casa não luxuosa, mas graciosamente ornada. — Portas ao fundo e tectos.

SCENA I

JORGE DE SÁ, E DEPOIS UM CRIADO

JORGE

Hoje é um dos taes dias aziagos. Os meus credores combinam-se. Quando vêm um, vem todos. Eu adoptei o systema de todo o caloteiro insigne e illustrado: recebo os credores com tanta delicadeza, e despeço-os com educação tão fina, que todos se retiram, como de todos os bailes... penhorados das attentões do dono da casa, que muitas vezes não é dono de casa nenhuma, como eu. Abra-se a sessão. Ó Braz!

CRIADO

Meu senhor.

JORGE

Que importunos são esses que me querem fallar?

CRIADO

V. s.^a bem sabe... Acho que são... aquelles homens de Lisboa...

JORGE

Conheces quem são?

CRIADO

Ora, se conheço! Ha seis mezes a vê-los todas as semanas duas vezes...

JORGE

Minha tia já sahiu do quarto?

CRIADO

Não, meu senhor.

JORGE

E Luiza?

CRIADO

A menina anda a passear na quinta desde o nascer do sol.

JORGE

Esses homens que entrem. Quantos são?

CRIADO

Por ora são só quatro; os outros costumam vir depois de jantar.

JORGE

Que entre cada um por sua vez sem distincção de sexo nem idade. *(O criado sahe).*

SCENA II

JORGE *(só)*

O credor é o verdugo do homem de bem; é a espada de Damocles; é o terror da juventude esperancosa; é o espectro do rei da Escossia; é a sombra de Nino; é o Lucifer despenhado no inferno... dos dévedores insolúveis; é, finalmente, um homem contra o qual se pôde recitar um comprido monologo sem enfastiar a plateia, porque não ha plateia em que o credor não esteja em deplorável minoria. Eu estudo — sem ser subsidiado pelo governo — o modo de arrancar do seio social este cancro, chamado o credor; porque o credor é um vampiro, é um animal mestiço, filho de rapoza e mocho; velhaco como a mãe, e esperto de olho como o pae, que até de noite vê. O credor, emfim, é... *(vendo o alfaiate á porta do fundo)* é o alfaiate!

SCENA III

JORGE E O ALFAIATE

ALFAIATE

Dá licença, senhor Jorge de Sá?

JORGE

O meu caro senhor! Sem a menor cerimonia... (*trazendo-o pelo braço e indigitando-lhe o canapé*) Ali... o seu chapéu... tem a bondade de sentar-se, faz favor? Por quem é, senhor Trancoso... então?...

ALFAIATE

São só duas palavras...

JORGE

Queira sentar-se... O meu amigo, sempre indulgente com as minhas faltas, não se cansa de fazer justiça a causa involuntaria que o traz ainda no desembolso de

ALFAIATE

Reis, 1205000... (*querendo lêr as parcelas*)

JORGE

Tem a bondade de não lêr? Eu não duvido da sua rectidão no valor d'um ceutil... Pois, meu prezadissimo amigo, tem-se dado algumas contrariedades monetarias na minha vida. Brevemente, porém, estarei de posse d'uma fortuna, da qual o senhor Trancoso pode dispôr como sua.

ALFAIATE

Muito obrigado... Eu não quero senão os meus cento e vinte mil reis, sendo possível hoje, porque...

JORGE

Essa quantia, meu amavel cavalheiro, é um grão de areia no meu oceano de cabedal.

ALFAIATE

Pois o senhor Jorge negocea agora em cabedal?

JORGE

Não me entenda, senhor Trancoso. Queria dizer-lhe que estou em vésperas de fazer um casamento vantajossissimo com a filha do barão de Villa-Marim, e prepa-

rava-me para ir consultar o meu amigo sobre o melhor emprego que eu podia dar aos meus capitaes, aventurando-os em empresas industriosas, de boa harmonia com as modernas ideias de economia social. O meu amigo poderá dizer-me...

ALFAIATE

Nada... não posso dizer nada, porque, a fallar a verdade, não o entendi bem... Parece-me que v. s.^a disse que queria fazer economias, e eu acho isso muito acertado, depois que se paga a quem se deve.

JORGE

É esse o meu pensamento dominante, senhor Trancoso; e, entre os meus insignificantés debitos, será o seu o primeiro. Entretanto, espero continuar a merecer a sua confiança, mandando-me preparar uma casaca azul com botões amarellos, outra verde com botões brancos, um pio-nono amellado com alamares cor de limão, e um fato campestre d'uma meia cachemira cor de azeitona de Sevilha, addicionando a nova verba á conta velha, que lhe será mui lucrativamente paga. É servido de *lanchar* comigo? Quer dar-me o prazer de respirar o ar puro e balsamico do meu jardim? Quer vér as prodigiosas melancias que eu tenho? Eu chamo o escudeiro...

ALFAIATE

Não, senhor, eu tenho que fazer... será n'outra occasião. Então diz-me v. s.^a...

JORGE

Que no prazo improrogavel d'um mez está o mestre Trancoso embolsado de... 240\$000 reis...

ALFAIATE

Cento e vinte mil reis...

JORGE

Bagatela a differença... e amanhã irei provar as encomendas que fiz.

ALFAIATE

Passe v. s.^a muito bem até amanhã.

JORGE (com entusiasmo, abraçando-o)

Meu nobre amigo! os devedores honram-se quando

os seus credores são assim illustrados e benevolos. (*Acompanha-o á porta, trejeitando cortezias*) Bráz, acompanha este senhor!

SCENA IV

JORGE E DEPOIS O BOLEEIRO .

JORGE

A delicadeza inventou-se para humanisar estes bichos. O devedor delicado e de fino trato tem sempre á sua disposição uma moeda, que, se não amortisa a divida, convida sempre os credores a uma suave moratoria. O dinheiro inventou-se para contrabalançar a grosseria do homem estúpido. O homem delicado é como os meninos de Sparta: vivem á custa do Estado.

BOLEEIRO

Ora viva, patrão.

JORGE

Olá, José Russo, como vaes tu? A parelha baia inda se leva á maravilha?

BOLEEIRO

Estamos todos bons, patrão, louvado Deus, para o servir; mas de chelpa vamos mal. Faz favor de acabar com isto (*tirando a conta*) Trinta e dois alugueis de Bemfica a Carnaxide, a Cintra, e a Lisboa, ida e vinda, somma... somma...

JORGE

Senta-te, rapaz.

BOLEEIRO

Estou bem, meu amo, quero crescer; farto de estar sentado á espera, desde as seis horas, estou eu... Somma 51\$400 reis. Palavra que não vou d'aqui sem o meu dinheiro. Isto já passa de caçoada. Hoje, ou v. s.^a me paga, ou eu vou pedir a sua mãe, ou tia, ou que diabo é, que me pague, senão mando-lhe a casa o meirinho.

JORGE

Falla baixo.

PURGATORIO

BOLEEIRO

Contos não enchem, meu amiguinho. Se quer que eu me vá embora, pague-me; meu amo põe-me hoje na rua, se lhe não levar o dinheiro, e não me dá as soldadas.

JORGE

Pois vae-te embora, que eu lá levo de tarde o teu dinheiro.

BOLEEIRO

Não ando, o senhor diz-me sempre isso. Isto já cheira a calote!

JORGE

Es um vil canalha! Sahe já d'aqui, senão mando-te dar reboque com uma tranca.

BOLEEIRO

Ó patrão! Venha de lá essa tranca: quero vêr como se paga com uma tranca a quem pede o seu dinheiro. Ande lá, meu amo, pegue lá na tranca!...

SCENA V

OS MESMOS E ALFREDO DE TOVAR

ALFREDO DE TOVAR

Que bulha é esta?!

JORGE

Ó Alfredo, como estás? não é nada... *(para o Boleeiro)* Vae-te embora.

BOLEEIRO

Já disse: pague-me, se quer que eu vá.

ALFREDO *(ao Boleeiro)*

Dá cá essa conta *(vê e está tirando do porte-monnaie dinheiro)*.

SCENA VI

D. EMILIA DE SÁ E OS MESMOS

D. EMILIA *(obstando a que Alfredo pague)*

Senhor Tovar, tenha a bondade de retirar o seu serviço a meu sobrinho; mas a delicadeza sou eu que

lh'a agradeço. *(Ao Boleeiro)* Homem, espere no pátio... lá se manda pagar a sua conta; e diga a esses homens que lá estão, que esperem. *(O Boleeiro sahe)*. Jorge, tu envergonhas-me. Já não sei como hei de mostrar-te o desgosto que me faz a tua companhia. Estas quantias, que pago, já as não dou para salvar a tua honra, e para salvar a minha. Desculpe-me, senhor Alfredo. A sua familiaridade n'esta casa consente-me este desafogo; e a nobreza com que quiz poupar o seu amigo a ultima vergonha de espancar um credor, faz-me cada vez mais prezadas as suas excellentes qualidades. Dé-me licença. *(Sahe)*.

SCENA VII

ALFREDO E JORGE

ALFREDO

Tua tia tem razão, Jorge.

JORGE

Nos elogios que te fez? Que modestia!

ALFREDO

Não: na reprehensão que deu ás tuas dissipações. Não gastes tanto, meu amigo. Despende o que tiveres. Podes estar sempre no agrado d'esta excellente senhora, e viver com as regalias que poucos rapazes teem.

JORGE

Pois não! optimas regalias!... Tenho para ahi um *gig* velho e um cavallo espravonado, com meia duzia de moedas mensaes para extraordinários... É realmente de appetite esta fortuna!

ALFREDO

E eu que sou filho d'um millionario não tenho cavallo nem carro. Qual das nossas posições é a mais brilhante?

JORGE

Eu sei cá! Tu tens um futuro, e eu já perdi as esperanças de ser herdeiro de minha tia.

ALFREDO

Procede com mais tino, e serás herdeiro de tua tia.

JORGE

Qual herdeiro! Os bens d'ella quem os herda é Luiza.

ALFREDO

Não creio... Luiza é uma simples afilhada de tua tia..

JORGE

Deixa ser; mas tem sabido insinuar-se na sua estima com tal hypocrisia...

ALFREDO

Hypocrisia, não, Jorge! Isso é injuriar a sinceridade de Luiza. Não sejas injusto com a tua amiga...

JORGE (*rindo*)

Minha amiga! Porque não dizes antes: « não sejas injusto com a minha amante? »

ALFREDO

Eu não me offendo, glorio-me até com essa correcção ironica... Oxalá que não te enganes, e que o titulo, com que me lisongeias, ella m'o dê tambem. Sabes de mais o que eu sei de mim, e não quero, nem posso negar-te que amo Luiza como se ama uma irmã muito querida... Não somos rivaes, não, Jorge?

JORGE

Ora essa!...

ALFREDO

Quando me apresentaste á senhora D. Emilia, perguntei-te se Luiza te era indifferente... Parecia-me impossivel que o fosse... Respondeste-me que era.

JORGE

E' é, e será... eu não desço tanto...

ALFREDO (*sorrindo*)

Não desces tanto?!... É muito orgulho, meu amigo... penso eu... Depois de algumas visitas, em que passei da cerimonia á familiaridade, disse-te que amava Luiza, e me dava por bem pago do meu amor.

JORGE

E d'ahi?

ALFREDO

D'ahi... seria hoje um capricho louco desdizer-me, e é da tua parte pouca delicadeza caluniar a pobre menina que nós estima a ambos.

JORGE (*com seriedade comica*)

Tu pareces um provinciano! Que ares de amante idiota! Luiza, pelo que vejo, é impecavel!... Sabes tu o que me pareces?... Aquelle *Molière* sempre era um grande pintor!...

ALFREDO

Molière pintou Sganarello, Scapin, Orgon, Jorge Dandin; Pourceaugnac, e...

JORGE

Et de cætera.

ALFREDO (*sorrindo*)

E *Tartufo*... que sou eu, não é assim, meu caro Jorge?

JORGE

Vamos lá, vamos lá... todos temos um bocado da tal honrada personagem!

ALFREDO

Agradeço-te o meu quinhão, amigo; mas... hypocrita e lorpa provinciano, ao mesmo tempo, é de mais: não posso pagar os direitos de ambas as mercês...

JORGE

Esse ar de chufa requentada parece-me assim de homem que (*faz menção de farejar*) cheira a dinheiro! Os teus futuros quatrocentos contos tem uma acção retroactiva... Falta-te um abdomen proeminente para te ir ao pintar a gravidade pedantesca...

ALFREDO (*sorrindo*)

Aqui estou eu debaixo do teu *ridículo*! Desafoga, meu amigo, deixa expandir-se livremente o genio da satyra que te ha dado mais victimas do que amigos... Não me poupes...

JORGE

Isto é graça!... (*abraça-o*) sempre amigos! Sabes que mais? vou matar codornizes no restolho. Tu cá tens quem te entretenha... Ahi vem Luizinha...

SCENA VIII

LUIZA E OS MESMOS

LUIZA (*a Alfredo*)

Estava aqui, e eu só o soube agora! Passou bem?
(*A Jorge*) E o meu amiguinho como está? Ainda hoje
não fallamos...

JORGE

A menina tem andado no bosque a conversar com
os rouxinoes, e eu tenho cá estado em casa a conver-
sar com uns melros de bico revoltos...

LUIZA

Com uns...? (*A Alfredo*) Elle que disse?

JORGE

Pois a Luizinha não ouviu a algazarra?

LUIZA

Não, eu não ouvi algazarra nenhuma. Que foi?

ALFREDO

Nada, minha senhora. Jorge está de bello humor!...

JORGE

Até logo. Vou á caça.

LUIZA

Venha cá: deixe-se estar... O seu amigo não vae?

JORGE

O meu amigo não gosta de caçar codornizes... O seu
genero de altenaria é outro... Até logo. (*Sahe*).

SCENA IX

LUIZA E ALFREDO

LUIZA

Que diz elle?!

ALFREDO

Nada que mereça explicação.

LUIZA

Eu entendi-o.

ALFREDO

Peor, minha querida Luiza. Eu quizera antes que certas expressões, ou a intenção d'ellas, te achassem sempre ignorante.

LUIZA

Sabes que eu estou soffrendo muito, meu amigo...?

ALFREDO

Que é? não te consinto um segredo.

LUIZA

Este homem faz-me um grande mal.

ALFREDO

Jorge?... De que maneira?

LUIZA

Eu não lh'o mereço. Estou sempre pedindo á madrinha que lhe dê dinheiro, que o não reprehenda, que o não expulse de casa; e elle, depois de me ter intrigado, perdoando-lhe eu sempre... e sabendo que eu te quero tanto...

ALFREDO

Diz... a tua suspensão afflige-me.

LUIZA

Teve a indiscrição, ou talvez ruindade de dizer que me amava, desde que me viu, e tinha direitos ao meu amor...

ALFREDO

Elle!... Jorge!... É pois certo que não tem uma qualidade boa!...

LUIZA

Não lhe digas nada, não?

ALFREDO

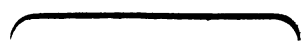
Não m'o recommendes... E depois ha mais algum motivo de soffrimento?

LUIZA

Lança-me em rosto a minha hypocrisia. Diz que sou ma astuciosa, que estou vendendo a minha madrinha ; afagos que dissimulo... Isto chega ao coração, Al-
edo... Deus sabe que lhe tenho pedido a morte antes
de minha madrinha me falte...

PROPERTY OF
*University of
Michigan
Libraries*
1817

TES SCIENTIA VERITAS





PURGATORIO

E

PARAIZO

DRAMA

EM TRES ACTOS

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SEGUNDA EDIÇÃO



PORTO

EM CASA DE CRUZ COUTINHO — EDITOR.

Rua dos Caldeireiros, 18 e 20

1871





M.0

PURGATORIO E PARAIZO

cencia que protege a fraqueza. Se ha peccado no coração de Luiza, as accões puras de todos os dias estão sempre absolvendo. Não conhece ainda bem minha afilhada, senhor Tovar, para não achar suspeito este elogio.

ALFREDO

Eu conheço aquelle anjo...

D. EMILIA

Se a conhece, lia de amal-a muito.

ALFREDO

Senhora D. Emilia, porque me não diz que sabe que eu a amo muito?

D. EMILIA

Ainda não disse tudo do elogio. Minha afilhada só tem para mim um segredo, mas, coitadinha, sabe tão pouco simular, que esse mesmo lhe adivinhei. Pensa que é o do seu amor? não é, senhor Tovar; esse contou-m'o ella... a chorar, como quem chora uma esperança morta.

ALFREDO

Uma esperança morta! que diz v. exc.^a?! Eu inspiro desconfiança a alguém?!

D. EMILIA

Não antecipemos o fim d'esta nossa entreyista. Em louvor de minha afilhada, quero confiar-lhe o segredo que ella me esconde: é a dôr de não ter appellido de pae ou mãe; julga-se uma engeitada que a piedade perfilhou. Tem no fundo do coração a mágoa de não herdar de sua mãe ao menos a virtude, e de seu pae a honra. Ella já lhe fallou n'isto?

ALFREDO

Ligeiramente.

D. EMILIA

E Jorge?

ALFREDO

Esse...

D. EMILIA

Esse disse-lhe alguma invenção torpe...

ALFREDO (*vacillante*)

Não, minha senhora...

D. EMILIA

Disse-lhe que Luiza era uma exposita que eu levantei das lages da rua.

ALFREDO

Se o dissesse, eu pedir-lhe-ia que cobrisse com a bandeira da misericórdia a deshonra dos paes de Luiza, por amor de Deus e d'ella.

D. EMILIA (*perturbada*)

O senhor tem um nobre coração... Vou-lhe dizer o nascimento d'esta menina. Eu tive uma amiga que Deus me emprestou por poucos annos. Amou até á cegueira. Galardoou com corpo e alma a deshonra d'um perfido. Foi abandonada, quando o abandono exercuciava duas victimas ao mesmo tempo. Esse homem casou com outra. A minha amiga sobreviveu algumas horas ao deixar uma herdeira das suas lagrimas na terra. Jurei-lhe protecção á criancinha; fil-a minha; dei-lhe o coração que dera a sua mãe, e mandava-lhe todos os dias o meu coração ao céu para que a mãe a visse. Esta é a historia de Luiza, senhor Tovar. Eu não vesti o meu conto com palavras tocantes. Quiz reduzil-o a poucas, para chegar depressa onde a impaciencia de nós ambos nos chama. Luiza ama-o muito. Eu, sua segunda mãe, consultando a primeira, se o coração me falla por ella, não reprovoo semelhante amor. Quaes intenções são as suas? Desculpe-me a grosseria da pergunta; mas eu fallo com um mancebo que mereceu o amor da minha Luiza. Quero, n'este instante, pertencer a uma sociedade, onde as palavras não servem para desfigurar os pensamentos... Para que ama Luiza?

ALFREDO

Não lh'o disse ella, minha senhora?

D. EMILIA

Ha coisas que o pudor não diz. A minha afillhada ainda não proferiu uma palavra que anda na boca de todas as meninas da sociedade escolhida. Esta palavra « casar » tem um som que fere o coração innocente e afeia os labios virgens que a pronunciam. Não me cha-

me visionaria... O senhor Tovar quer fazer sua esposa minha afilhada?

ALFREDO

Se houvesse de responder negativamente, creio que não estaria a esta hora na presença de v. exc.^a

D. EMILIA

Que impede a prompta realização d'essa vontade?

ALFREDO

Até hontem a vontade de meu pae, hoje a de v. exc.^a Quando me encaminhava para esta sala, vinha pedir o seu consentimento.

D. EMILIA (*erguendo-se e estendendo-lhe a mão*)

Tem-o. (*Vae á porta, chamando*) Braz... (*ao criado*) chama aqui a senhora D. Luiza. (*O criado sahe*). Eu hei de ir d'aqui agradecer ao Senhor o primeiro momento de felicidade que me está dando em minha vida.

ALFREDO

E eu pedir-lhe-hei que me dê a felicidade de reproduzir esses momentos com quanto amor e respeito se pôde ter a uma segunda mãe.

SCENA XIV

OS MESMOS E LUIZA

D. EMILIA (*tomando-lhe a mão*)

Apresento-te teu esposo, Luiza. (*Luiza baixa os olhos*) O coração não te manda agradecer, filha? (*Luiza abraça a madrinha escondendo-lhe a face no seio. Tovar curvando um joelho, beija a mão de D. Emilia, que o ergue*). A gente nas grandes amarguras tem a expressão do gemido; para as grandes alegrias não ha nenhuma! Luiza, reparte do teu coração uma migalha d'esse prazer, que tão poucas mulheres sentem puro de temores e de remorsos. Eu não o experimentei, e tinha uma alma tão digna de o sentir... (*chora*).

ALFREDO

Minha boa amiga...

LUIZA

Porque chora, minha madrinha? Eu não a deixo.

D. EMÍLIA (*concentrada*)

Entre a saudade e o remorso ha uma paixão que rasga... Ora aqui está o que é a felicidade n'esta vida... mistura de risos e prantos. A tua... não é assim, Luiza. Dou-te a um anjo, a um homem, que não entendeu o mundo, e fugiu para nós que tambem o não entendiamos... Pareces-me opprimida, filha! Queres-te sósinha agora? Isso é tão natural... Vae colher dois ramilhetes de flôres, e d'esta vez não tragas cypreste no meu, não?... (*Luiza, envergonhada, sorri, e sahe*).

SCENA XV

D. EMÍLIA E ALFREDO

D. EMÍLIA

Não o deixo ir com ella, porque vão dizer puerilidades... (*Sorrindo*) Sente-se ao pé de mim: vamos conversar. Fallemos da sua familia. Seu pae já Jorge me disse que era o senhor Bernardo Tovar.

ALFREDO

Não, minha senhora. *Tovar*, é appellido de minha mãe; adoptei-o, porque me era tão cara a sancta senhora, que, desde criança, me assignei com o appellido d'ella.

D. EMÍLIA

Já me disse que morrera ha pouco tempo...

ALFREDO

Ha quinze mezes.

D. EMÍLIA

Foi muito querida de seu pae?

ALFREDO

Penso que não, minha senhora... Soffreu muito. Os annos de casada foram tormentosos. Disse-me, uma vez, que estava no mundo, expiando um tremendo crime. Não ousei devassar o sanctuario d'esse terrivel segredo; mas meu pae sabia-o.

D. EMILIA

Pobre senhora! talvez morresse immaculada para entrar no céu...

ALFREDO

Se este mundo é purgatorio...

D. EMILIA

E seu pae não minorava o supplicio d'essa expiação?

ALFREDO

Meu pae era talvez... o seu verdugo. Ha pouco tempo que uma velha criada me disse, que meu pae fôra obrigado a casar com minha mãe.

D. EMILIA

Casamentos forçados é sanctificar com um sacramento a lucta de victima e algoz. Antes a morte no desamparo, que o martyrio a portas fechadas. E como se chama seu pae?

ALFREDO

Bernardo de Mascarenhas.

D. EMILIA (*erguendo-se impetuosamente*)

Como?!

ALFREDO (*o mesmo*)

Que é, minha senhora?! (*D. Emilia, silenciosa, fixa-o penetrantemente*) V. exc.^a não me diz que impressão foi essa?

D. EMILIA (*sentando-se*)

Pelo amor de Deus, silencio, senhor! Eu sinto uma agonia que me não deixa sahir d'aqui!

ALFREDO

Que tem v. exc.^a?! Por quem é, senhora D. Emilia, diga-me se eu sou causa d'essa commoção! (*D. Emilia acena negativamente*).

SCENA XVI

OS MESMOS E LUIZA

LUIZA (*com os ramilhetes*)

Aqui estão, madrinha! (*Surprendida*) Jesus! ella que tem?

ALFREDO

Um ataque repentino.

LUIZA

Virgem Sanctissima, valei-me! Minha madrinha, falle-me, por piedade!

D. EMILIA (*beijando-a*)Sahe d'esta sala, minha filha. Espera-me no teu quarto. (*Luiza não vae*) Não me desobedeças... vae... (*Luiza sahe*).

SCENA XVII

D. EMILIA E ALFREDO

D. EMILIA (*erguendo-se*)

Senhor Tovar!... acabou tudo entre nós.

ALFREDO

Que diz, minha senhora?!

D. EMILIA (*com resolução*)

Não lhe dou minha afilhada.

ALFREDO

Isso é impossivel! Que mal lhe fiz eu? A historia de meu pae é causa para tamanho desprêzo?! Hei de eu ser um marido como elle foi?!

D. EMILIA

Senhor Tovar, seja honrado como tem sido... Esqueça minha afilhada... Diga o adeus ultimo a esta casa.

ALFREDO

Por piedade, senhora, que me mata!

D. EMILIA

Morreremos todos, senhor Tovar, e eu serei a primeira.

*(Ouve-se um grito de Luiza)*A desgraçada ouviu tudo! (*Vae socorrê-la. Luiza entra espavorida, e corre a Alfredo, que se dirige a ella. D. Emilia colloca-se entre ambos, afastando-os.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO

the following: (1) the number of individuals in the population; (2) the number of individuals in the population that are infected; (3) the number of individuals in the population that are susceptible; (4) the number of individuals in the population that are recovered; (5) the number of individuals in the population that are dead; (6) the number of individuals in the population that are in the process of dying; (7) the number of individuals in the population that are in the process of being recovered; (8) the number of individuals in the population that are in the process of being killed; (9) the number of individuals in the population that are in the process of being resurrected; (10) the number of individuals in the population that are in the process of being reborn.

These ten variables are the only ones that are needed to describe the population dynamics of a system. The first four variables are the most important, and the last six are the least important. The first four variables are the only ones that are needed to describe the population dynamics of a system.

The first four variables are the most important, and the last six are the least important. The first four variables are the only ones that are needed to describe the population dynamics of a system.

The first four variables are the most important, and the last six are the least important. The first four variables are the only ones that are needed to describe the population dynamics of a system.

The first four variables are the most important, and the last six are the least important. The first four variables are the only ones that are needed to describe the population dynamics of a system.

The first four variables are the most important, and the last six are the least important. The first four variables are the only ones that are needed to describe the population dynamics of a system.

The first four variables are the most important, and the last six are the least important. The first four variables are the only ones that are needed to describe the population dynamics of a system.

The first four variables are the most important, and the last six are the least important. The first four variables are the only ones that are needed to describe the population dynamics of a system.

ACTO SEGUNDO

Sala mobilada com magnificencia.

SCENA I

**BERNARDO DE MASCARENHAS PASSEANDO COM SIGNAES D'AFFLIÇÃO;
MEDICO, SAHINDO D'UMA PORTA LATERAL**

MASCARENHAS

Como está meu filho, doutor? Esperava-o para lh'o perguntar.

MEDICO

Está a dormir, e bom será que se prolongue este somno restaurador. Eu volto logo, senhor Mascarenhas.

MASCARENHAS

Receia, doutor?

MEDICO

Eu receio sempre; e, quando a enfermidade está no espirito, receio mais da impotencia da medicina.

MASCARENHAS

Não duvida que elle soffre por uma causa moral?

MEDICO

Não posso achar outro diagnostico.

MASCARENHAS

Vou sondar meu filho.

MEDICO

Devêl-o-ia ter feito, senhor Mascarenhas. Eu tentei-o já, e elle atalhou-me, logo no começo, definindo a sua morte como balsamo unico d'uma chaga incuravel. Ins-

tei delicadamente por explicações: não me respondeu. V. exc.^a conseguirá o que eu não consegui. Faça-o como pae, e eu auxiliar-o-hei como amigo: como Medico receio não tirar proveito. Até logo. Eu demoro-me pouco. (*Sae*).

MASCARENHAS

O menos tempo que possa, doutor.

SCENA II

BERNARDO DE MASCARENHAS E O CONSELHEIRO NOBREGA

MASCARENHAS

Eu não queria tanta pontualidade, meu caro conselheiro! A minha carta de certo alterou o teu velho costume de dormir até ao meio dia.

CONSELHEIRO

São quinze dias de dôr de cabeça, meu caro Mascarenhas; mas quem te deu o coração ha vinte annos, tambem te dá a cabeça agora, sendo necessario. Então que temos? A tua carta pareceu-me escripta com pressa e afflicção. Senta-te aqui (*no sofá*). É verdade, como vae teu filho?

MASCARENHAS

Mal, abatidissimo, e... desconfio... Morre, talvez... é o mais certo... Faltava-me este golpe...

CONSELHEIRO

Não morre, não. Alli anda amor dos dezoito annos. Tu, na idade d'elle, tiveste muitas d'aquellas crises. Não te lembras d'Evora-Cidade?

MASCARENHAS

Apontaste já o motivo por que te chamei. Recordate: era eu cadete, e amei aquella mulher...

CONSELHEIRO

Aquella! é preciso saber qual das tres: tu amavas, ao mesmo tempo, a flôr d'Evora, uma menina da familia dos Sãs. Amavas uma peregrina formosura de Beja, onde estiveste destacado. E amavas, em Lisboa, uma terceira com quem casaste.

MASCARENHAS

Trata-se da primeira. Sabes bem a história de Amalia de Sá?

CONSELHEIRO

Soube até ao momento em que sahimos ambos de Evora: tu prêso para casares com a menina de Lisboa que seduziras; eu para Inglaterra emigrado, onde nunca tive novas tuas, nem d'ella. Em 1833 achei-te transfigurado. Ouvias com repugnancia as recordações da nossa mocidade, e nunca me fallaste de Amalia, nem me apresentaste a tua mulher. Respeitei o melindre da reserva, e nunca te fallei de amôres.

MASCARENHAS

Não era reserva, meu amigo: era o tedio de mim proprio; era o receio de assanhar com recordações as viboras que trazia no coração. Sabes que fui violentado a casar-me. O pae d'essa mulher, que foi, ao mesmo tempo, meu alzo e minha victima, era um homem necessario ao governo. Apesar dos meus grandes haveres e proteccões, se não caso com Henriqueta Tovar, era degredado ou talvez envenenado no Limoeiro. Eu disse sempre que Henriqueta seria desgraçada, mais desgraçada que eu. Sacrificaram-m'a, fizeram-na instrumento de vingança... e viveu dezoito annos de amarguras.

Passavam-se mezes que a não via; e, durante dezoito annos, não foi minha esposa, foi uma mulher aborrecida que vivia debaixo das mesmas telhas... Não me reprehendas em tua alma, porque o meu coração estava cheio do amor de Amalia. Noite e dia, diante de meus olhos, estava sempre o lugubre espectaculo d'uma mulher lacrimosa com uma criancinha ao seio. Eu desviava a attenção para o bulicio da vida e da riqueza, e via-a sempre, sempre aquella creatura tão sancta aos meus olhos, e tão infamada aos da sociedade.

Escrevi a um amigo, pedindo-lhe novas d'Amalia; respondeu-me que era publico em Evora o nosso amor; e que, depois da minha ausencia, Amalia se retirara para uma quinta com uma criada; e, depois do meu casamento, fôra para o Ultramar, chamada por um tio,

governador d'uma possessão. Ignorava-se felizmente que Amalia era mãe.

Dois annos depois, ha um magistrado de Loanda que me diz ter fallecido o tio d'Amalia, e ella, sua herdeira, voltára a Portugal. Fiz, com quanto melindre pude, novas indagações, que chegaram ao conhecimento de Amalia. Um dia recebo uma carta com estas palavras: « Esqueça-se de mim por piedade. As suas indagações são um novo ultraje. Infamou-me: não reviva a infâmia, associando o meu nome ao seu. »

Isto foi um punhal que me abriu no coração a entrada para a consciencia dos meus deveres. Ha quinze annos que não proferi o nome de Amalia, pensando n'ella sempre. Achei-me em contacto com pessoas d'Evora, que podiam informar-me: nunca aventurei uma pergunta. Se ella vinha dos labios, forçava-a a retroceder ao coração como um trago de fel! Tem sido um supplicio atrozi!

Estou vivo ha quinze mezes. Deixei passar um anno para desafogar esta ancia. Quero saber onde está Amalia, quero pedir-lhe perdão, quero vertter lagrimas sobre os seus cabellos brancos, ou sobre a sua sepultura...

Meu caro Nobrega, tu sabes tudo, podes tudo, saber em poucos dias, procura-me Amalia como procurarias a felicidade do teu velho amigo: ajuda-me a desenraçar este espinho de remorso.

CONSELHEIRO: (risinho)

Ora digam lá, que um corpo de quarenta annos é o atavido de um coração morto!... Que brilho apaixonado ainda tem n'esses olhos! Ora vamos... mãos á obra! Peço oito dias de paciencia, e prometto, dia por dia, avisar-te dos pormenores d'esta syndicancia. Não perco um minuto (erguendo-se). Esperança, meu Mascarenhas. A Providencia ha de auxiliar as minhas pesquisas para que se dê um bom exemplo de moralidade. Adeus. (Reparando em Jorge, que vem entrando) Quem é este peralta?

MASCARENHAS:

Deve ser relação de meu filho!

CONSELHEIRO

Adeus, Mascarenhas. Nada de prevenções, funebres. O pequeno ha de melhorar. *(Sabe)*

SCENA III

BERNARDO DE MASCARENHAS, E JORGE DE SÁ

MASCARENHAS
Naturalmente procura meu filho.

JORGE

Exactamente, e aproveito a occasião para cumprimentar v. ex.ª, a quem felicito por ser o pae d'um moço com tão excellentes qualidades.

MASCARENHAS

Muito grato, senhor... não tenho ainda o prazer...

JORGE

Jorge de Sá.

MASCARENHAS

Muita satisfação em conhecer o senhor Jorge de Sá. Eu vou ver se meu filho está acordado. *(Sabe)*

SCENA IV

JORGE DE SÁ, E DEPOIS O MEDICO

JORGE

É um ricasso bem amavel este homem que se chama Bernardo! Estes capitalistas, que se chamam Bernardos, dizem, mas não fazem « bernardices ». Este homem, se tivesse uma filha, era um ente adoravel! Merecia a pena fazer uma tentativa de prosperidade... *(Ao medico, que entra)* Por aqui, amavel doutor?

MEDICO

Oh! que grande traquina! Vejo hoje de Bemfica?

JORGE

N'este instante, meu caro Paracelsol!

MEDICO

Como passou sua tia a noite?

JORGE

Creio que andou a pé, com um candieiro em punho á laia de fantasma. O doutor, minha tia será somnambula?!

CRIAADO (ao reposteiro)

O senhor Alfredo está-se levantando, e pede o favor de o esperarem um instante. (Sai).

JORGE

Que lhe parece, meu amigo, aquelle incommodo de minha tia é serio?

MEDICO

O senhor é que não parece serio na pergunta. Sua tia tem um aneurysma, aggravado por padecimentos moraes em que o senhor Jorge deve ter um grande quinhão de influencia.

JORGE

Ora essa!... Eu sou o anjo bom d'aquella casa. Incommódo tão pouco minha tia, que se passam tres dias que a não vejo.

MEDICO

Oh! essa indiferença é muito amavel! Está plenamente justificado o senhor Jorge...

JORGE

Pois não acha?! E aquella pequena, afilhada de minha tia, que tem?

MEDICO

Não sei.

JORGE

Aquillo é paixão, não lhe parece?

MEDICO (ironico)

Será talvez paixão... por v. s.^a

JORGE

Nada, não é por mim. Deixe estar que eu hei de contar-lhe um segredo com que o meu amigo póde acreditar muito a sua medicina.

MEDICO

Agradecido, e vamos emparceirados. Olhe se me faz um doutor sangrado, que ali depois faço-o ao senhor o meu Gil-Braz.

SCENA V

OS MESMOS, E ALFREDO DE TOVAR

ALFREDO, (*quebrantado e livido, proferindo a custo as palavras*)
 Senhor doutor, bom dia. Desejava vê-te, Jorge.

JORGE

Procurei-te já tres vezes, e o guarda-portão disse que não recebias. Suspeitei da veracidade, da defeza, lembrando-me se seria só para mim...

ALFREDO (*risonho*)

Das duas: uma: és simples, ou mau.

MEDICO

O senhor Jorge... *simplest!* Isso é o mesmo que injuriar-me: O senhor Jorge não quer passar por isso.

JORGE

Como te dás com este doutor? Já te adiyinhou a molestia? Se as receitas forem como os epygrammas... Diz-me cá: porque não vaes convalescer a Bemfica?

ALFREDO (*a meia voz*)

Ignora tudo...

JORGE

O doutor é o medico de minha tia e de Luiza, são dois doentes. Tu vaes tambem, tres. Eu arranjo uns tuberculos provisorios, quatro... fazemos d'aquella casa um hospital de doentes romanticos. Valeu!

ALFREDO

Quem me déra o teu bom humor, Jorge... (*Ao medico*) Então, a senhora D. Emilia está de cama?

MEDICO

De cama, não: aquella senhora ha de morrer a pé... tem um aneurysma. (*A Jorge*) O senhor não tenha a imprudencia de lho dizer...

JORGE

Ó doutor, eu terei aneurysma? Sabe vossê que eu, quando tenho dinheiro, dou duzentas e setenta e cinco pulsações por minuto! Ora apalpe... (*Dando-lhe o pulso*) Se eu dér uma pulsação agora, corto as orelhas.

MEDICO

O que o senhor tem é um principio de encephalite. A sua cabeça tem grandes lesões.

JORGE

Olhe que eu sei de cór o meu *Molière*, doutor...

MEDICO (a Alfredo)

Vamos cá? Deixe ver este pulso. Houve nova vomito de sangue?

ALFREDO

Durante a noite, duas vezes. *(Cabe n'uma profunda concentração)*.

JORGE

Queres tu ir para Bemfica? Eu tenho aqui o meu *gig*. Venha tambem, doutor, que eu vou na almofada.

MEDICO

O senhor Alfredo não pôde sair sem grande restio; todavia, se o espirito lhe aceita o passeio como divertimento... Que diz, senhor Tovar?

ALFREDO

Como? não ouvi bem...

JORGE

Se queres ir a Bemfica.

ALFREDO *(estremecendo)*

Não!

JORGE

Doutor, eu sou intimo amigo de Alfredo, e vou fazer, por isso mesmo, uma revelação de que depende a sua prompta melhora.

MEDICO

E eu desejo a...

ALFREDO

Jorge? discricão!

JORGE

Está bom... não te impacientes! eu não digo nada.

MEDICO

Senhor Alfredo, o que este senhor sabe posso eu saber-o. Consinta que elle me anime, fazendo essa revelação, e fallar-me como amigo, pois que até aqui só tenho podido operar como medico.

ALFREDO.
 Jorge nada sabe.

JORGE
 Pois eu nada sei?! Ó Alfredo, eu não sei nada?!

ALFREDO
 Não.

JORGE
 Sei tudo.

ALFREDO
 Diz o que sabes.

JORGE
 Alfredo ama a afilhada de minha tia, quer casar com ella, mas o pae nega-lhe consentimento. Aqui está o mysterio em quatro palavras, e agradeçam-me o lacónismo, porque hoje não ha mysterio que não tenha tres volumes, pelo menos.

ALFREDO (ao medico)

Meu amigo, Jorge foi verdadeiro e falso. Amo essa menina, quiz casar com ella; o mais é falso: meu pae ignora tudo.

JORGE
 Então como se explica a tua ausencia d'aquella casa, a doença de minha tia, a doença de Luiza, e a tua doença? Este hospital de sangue e lagrimas, o que é?

ALFREDO
 Poupem-me a explicações. (Ao doutor) Sinto um mal-estar indefinivel, um esvaecimento que me aneia. (Recosta-se no sofá).

MEDICO (apalpando-lhe a testá)
 Está suando copiosamente... é um vágado. Senhor Alfredo!

JORGE
 Está sem sentidos? (A parte) É romantico!

MEDICO
 Está. Venha cá. (Afastam-se) O senhor tem a certeza do que disse?

JORGE
 Ora, se tenhes! Não o contrariei para o não mortificar; mas a verdade é esta. Alfredo ama Luiza furiosa-

mente. Isto é um evangelho. Para um rapaz honrado são fataes os dois bicos do dilemma do amor. Quer casar, e não tem meios. Minha tia naturalmente não dá nada á afilhada, porque é uma grande sovina, e o pae não lhe dá nada a elle. Agora, doutor, com esta noção symptomatologica (que palavra tamanha!) está na sua mão cural-o. Faça com que este Bernardo lhe dê uns trinta contos para comêço da vida, e verá que se acredita como medico espiritual, porque tem a habilidade de curar tres pessoas ao mesmo tempo, a saber: elle, Luiza, e minha tia.

MEDICO (enfadado)
O senhor é um trapalhão! Adeus, meu amigo! Está sempre fallando em estylo de dom Bibas, e o assumpto é grave de mais para jogralidades.

JORGE

Fique no que lhe parecer, doutor. Vou-me embora.

SCENA VI

OS MESMOS, E UM CRIADO

CRIADO

Aqui está o senhor Jorge de Sá?

JORGE

Sim, sou eu.

CRIADO

Tem a bondade de descer ao pátio?

JORGE

Que é?

CRIADO

Faz favor de se não demorar. (Jorge sahe).

MEDICO (ao criado)

Venha cá: o que é isso lá no pátio?

CRIADO

Entraram dois officiaes de diligencias, e perguntaram pelo senhor Jorge de Sá para o fazerem depositario do carro e do cavallo que lhe penhoraram na rua.

SCENA VII

OS MESMOS, E DEPOIS JORGE

MEDICO

Está bom; pôde ir. *(O criado sahe)* Bem diz D. Emilia, que este homem é o seu flagello!... Senhor Alfredo!

ALFREDO

Estou melhor... passou-me a agonia. Ouvi tudo o que ali se disse, doutor. Olhe que Jorge mentiu segunda vez... Que coisa é essa d'uma penhora?

MEDICO

Rapaziadas... Penhoraram o carro de Jorge...

ALFREDO

Meu amigo, vá remediar de qualquer maneira esse vexame, antes que meu pae dê fé...

JORGE *(ao medico, não reparando em Alfredo)*

Ó doutor, o senhor tem ali doze libras que me empreste até logo, para me livrar da despeita d'um canalha? Eu escuso de ir ao páteo, que já sei o que é... Empresta-me doze libras?

MEDICO

Aqui, não senhor; mas, se se demora, chego a minha casa buscal-as.

ALFREDO

Ó senhor doutor, queira entrar no meu quarto, e trazer esse dinheiro do que lá ha de estar nas gavetas do toucador. *(O medico sahe)*.

SCENA VIII

JORGE E ALFREDO

ALFREDO

Não digas a Luiza que me viste n'este estado.

JORGE

Palavra de cavalheiro, não digo... Porque não casas tu contra a vontade de todo o mundo, e não levantas a tua legitima materna?

ALFREDO *(com docil paciencia)*

Cala-te, que me torturas!...

SCENA IX

OS MESMOS, E O MEDICO

MEDICO

Aqui estão as doze libras.

JORGE (*aceitando com sofrimento*)Lança em nossas contas, Alfredo... e até logo. (*Sahe*).ALFREDO (*sorrindo*)

Em nossas contas!... É um desgraçado com exterior bem feliz este rapaz!

MEDICO

Dá cabo da casa da tia, e da d'elle.

ALFREDO (*erguendo-se*)

E da sua honra, que é o peor... Queria-me deitar, meu amigo.

MEDICO

Seu pae disse-me agora, que desejava fallar-lhe, logo que estivesse só. Não pôde?

ALFREDO

Posso... faço um esforço.

MEDICO

Eu retiro-me, e virei depois. Cedo o lugar a outro medico de que espero a sua cura.

ALFREDO (*sorrindo tristemente*)Sim?... a minha cura... (*senta-se*). (*O Medico sahe*).

SCENA X

ALFREDO E DEPOIS BERNARDO DE MASCARENHAS

ALFREDO

Meu pae vem lembrar-me a obrigação de lhe contar a minha vida. (*Erguendo-se, vendo entrar o pae*).

MASCARENHAS

Senta-te, Alfredo. O mesmo estado, sim? (*palpando-lhe as mãos*).

ALFREDO

Pouco allivio sinto.

MASCARENHAS

Que ha na tua vida, Alfredo? Quero ver o teu coração...

peço, como amigo, e exijo como pae. Diz-me que soffri-
mento moral é o teu. Se me respondas com evasivas, des-
conheço em ti o meu filho sincero e franco sempre como

ALFREDO

Sempre, até morrer, meu pae: (muito triste)

É o filho que responde ao amigo... Amo ha tres
mezes uma orphã pobre, afilhada d'uma senhora a quem
fui apresentado. Não tinha amado nunca. Foi uma ado-
ração a minha, cheia de tormentos, porque me estava
sempre aterrorando o receio de perdê-la. Eu sabia que
havia de morrer, perdendo-a...

MASCARENHAS

E perdeste-a? morreu?
Antes morreres estava, esta hora, esperando-me
n'outra vida melhor...

MASCARENHAS

Trahiu-te?

ALFREDO

Não, meu pae! primeiro seria eu capaz de trai-
çoal-a, amando-a tanto... Não me trahiu... Perdôa o que
eu vou dizer-lhe?

MASCARENHAS

Perdôo, filho, diz tudo.

ALFREDO

Eu não suppliciei o consentimento de meu pae para
pedir Luiza a sua madrinha. Foi instantanea esta resolu-
ção. Tencionava vir de lá ajoelhar-me a seus pés, e dizer-
lhe: não lhe peço um centil; supplico a sua benção para ella.

MASCARENHAS

E pediste-a?

ALFREDO

Pedi: enchi de jubilo o coração da excellente madri-
nha, choravamos todos tres de felicidade...

MASCARENHAS

E depois?

ALFREDO

Esqueci da minha familia... (Muito afflicto) Não posso
continuar, meu pae...

MASCARENHAS
Alfredo, não consinto o teu silencio, ainda que seja um crime.

ALFREDO
 Crime não, é uma culpa.

MASCARENHAS
Fala, Alfredo.

ALFREDO
 Falei de minha mãe com muita saudade; dó: disse que ella fora uma martyr... e proferi o nome de meu pae com doloroso azedume. *(Vae lançar-se-lhe de joelhos, e o pae levanta-o)* E mal proferi o seu nome... a madrinha de Luiza... exclamou: « Está tudo acabado entre nós: não lhe dou minha afilhada; seja honrado não voltando mais a esta casa... ». E eu sahi com o frio da morte no coração... para esta longa agonia... Disse tudo, meu pae.

MASCARENHAS
 Quem é essa senhora?

ALFREDO
 A madrinha de Luiza é D. Emilia.

MASCARENHAS
 Onde vive?

ALFREDO
 Em Bemfica.

MASCARENHAS
 Sabes se essa senhora foi relação de tua mãe?

ALFREDO
 Creio que não... de certo não foi.

MASCARENHAS
 Suppões que o seres filho d'um homem, cuja mulher... viveu desgostosa, é a causa d'essa retracção?

ALFREDO
 Não posso imaginar outra.

MASCARENHAS
 Alfredo, eu quero ver essa senhora. Teu pae vae justificar-se diante d'uma mulher que nunca viu. Quero provar-lhe que não é herança de familia, n'esta casa, o martyrio das mulheres. Essa menina será tua esposa, ou eu provarei que D. Emilia está demente!

ALFREDO

Meu pae! (*Abraçando-o*) Não a faça sofrer...

MASCARENHAS

Irás amanhã comigo a Bemfica, e ficarás na sege em quanto não puderes transpôr com honra o limiar d'essa casa.

SCENA XI

CRIADO E OS MESMOS

CRIADO

Uma carta para o senhor Alfredo. (*Sahe*).

ALFREDO

É de Luiza. (*Grande sobresalto, treme para abril-a e não pôde*) Veja, meu pae.

MASCARENHAS (*lendo*)

« Alfredo, diz-me que vives. Meu querido irmão, não me expulses de tua alma até que eu morra. Se fores adiante de mim, abençoa os meus paroxismos. Minha madrinha diz que morre, e que me ha de dizer a causa da nossa desgraça à hora da morte. Qual será, meu Deus?!.. Não posso mais. A febre tira-me a vista... Deus me leve depressa... » Eu respondo a esta carta, Alfredo.

ALFREDO

De que modo, meu pae?

MASCARENHAS

Das palavras: *esperança, minha filha, e assignarei o meu nome.*

SCENA XII

UM CRIADO, OS MESMOS, E DEPOIS O CONSELHEIRO

CRIADO

O senhor conselheiro Nobrega.

MASCARENHAS (*alvorocado*)

Que entre. (*Para Alfredo*) Precisas repouso, filho, vae ao teu quarto.

CONSELHEIRO

Olét o nosso Alfredo está melhor! Isto já é ar de vida!

ALFREDO (*apertando-lhe a mão de passagem para o quarto*)
Creio quê sim, senhor conselheiro... (*Sahe*).

SCENA XIII

MASCARENHAS, e o CONSELHEIRO

MASCARENHAS
Que volta tão rápida é esta?

CONSELHEIRO

Eu não te disse que a Providencia nos auxiliaria?

MASCARENHAS (com vehemencia)

Que é?! enconfraste?!

CONSELHEIRO

Estou no caminho... Creio que encontrarei...

MASCARENHAS

Onde?

CONSELHEIRO

N'uma aldeia vizinha de Lisboa.

MASCARENHAS

Está solteira?

CONSELHEIRO

Está solteira.

MASCARENHAS

Onde? Onde? Ó Providencia!

CONSELHEIRO

De vagar, Mascarenhas. O agente principal sou eu. Antes que a vejas, hei de eu vê-la. Quero prevenil-a, para que a não mates com a surpresa. É muito possível que amanhã sou eu o que vou. Depois iremos ambos.

MASCARENHAS

Tens a certeza de que é ella? Diz, meu amigo... a certeza?

CONSELHEIRO

A certeza. A cem passos da tua porta encontrei o proprio irmão d'ella; d'ellè soube tudo.

MASCARENHAS (com solemnidade)

Meu amigo! antes que a felicidade me mate, deixa-me agradecê-la a Deus. (Ergue as mãos).

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO TERCEIRO

Uma saleta com alcovas lateraes, e porta ao fundo

SCENA I

LUIZA (*chamando a uma porta do lado, a meia voz*)
Minha madrinha, minha madrinha!... Parece que dorme. Nossa Senhora queira... Minha madrinha! (*Afasta-se*)
Tudo me altera! Estou sempre a recear que o seu sono seja o ultimo... (*Torna a escutar d' porta que abre subtilmente*) Respira alto... este dormir ha de fazer-lhe bem. (*Tirando uma carta d'entre as paginas d'um livro*) Queria mostrar-lhe esta carta. Tenho chorado tanto sobre estas lletras... (*Lê*) « Esperança, minha filha — Bernardo de Mascarenhas. » É o pae d'elle... Pois se Alfredo está tão doente que não pôde escrever-me... que esperança é esta que me promettem!... Será a de o céu!... Deus m'a realise depressa. (*Ouvindo passos, esconde o bilhete*).

SCENA II

LUIZA e JORGE DE SÁ

LUIZA (*com o dedo no nariz*)
Sio! sio! que está a madrinha a dormir, não faça bulha!

JORGE (*pé ante pé*)
Eu fallo baixinho... Não sabe? estive com Alfredo.

LUIZA (*com civildade*)
All'esteve? Senhor Jorge, esteve?

JORGE (*conspicua*)
Sio! que está a madrinha a dormir, não faça bulha.

LUIZA

Elle como está?

JORGE

Doente: mas não é nada. Eu receitei-lhe, e o rapaz, se o facultativo assistente seguir o meu methodo, está curado.

LUIZA

Receitou-lhe?!...

JORGE

Sim, Luizinha. Declarei onde estava a enfermidade, e a maneira de a debellar.

LUIZA

Então?! onde é que está?

JORGE
Olhe, menina: eu sei tudo, e, por saber tudo, disse o que sabia, para salvar os ambos. Creia que sou seu verdadeiro amigo. Alfredo quer casar consigo, e o pai d'elle não consente. É isto, ou não é?

LUIZA
Não, senhor Jorge, não.

JORGE
Agora vejo que me julgam ambos um grande lópa! Então que é?

LUIZA
Não sei, não sei...

JORGE
Não sabe! ora essa!... Não me acha digno do segredo? Seja o que fôr... Que serviços quer a menina que eu lhe faça para se realizar o seu casamento?

LUIZA
Valha-me Deus, senhor Jorge, não fallemos em casamento, não? Diga-me o que me queria, quando ha pouco me disse que precisava muito falar-me.

JORGE (*com gravidade*)
Eu lhe digo, minha boa amiga: precisava contar com o seu excellente coração para lhe não ser importuno. Attenda-me, Luiza: Eu tenho sido um rapaz muito ex-

travagante, tenho comprado muito caras as minhas loucuras, tenho desbaratado o meu e o alheio. Estes rapazes de Lisboa perderam-me, arruinaram-me, estou empenhado, e amanhã estarei deshonrado, coberto de opprobrio, não acharei uma pessoa de bem que me aperte a mão. Isto é horrível, minha amiga, para um homem cavalheiro, brioso por sangue, sangue de velha raça portugueza! Querem atar-me a um postê de ignominia... Querem matar uma alma nobre!... Compreende o meu infortunio, Luiza?

LUIZA

O senhor Jorge tem desprezado os conselhos de sua boa tia...

JORGE

Era tarde para aproveitá-los. A minha honra estava já hypothecada por grandes quantias, quando minha boa tia me disse que eu ia, pelo caminho da deshonra, direito ao abysmo da perdição. Hoje quero rehabilitar-me, e não tenho quem me proteja. Quero sacudir o jugo dos credores, e a cada dia me sinto mais curvado debaixo d'elle. Isto é atroz, infernalmente atroz. *(Com esgares melodramaticos arripiando a cabelleira).*

LUIZA

Não se mortifique assim, senhor Jorge. De Deus virá o remedio. FALLE com minha madrinha, que é um anjo: exponha-lhe as suas penas, e verá como ella se condôe: diga-lhe tudo...

JORGE

Eu já não acho sensibilidade no coração da minha tia...

LUIZA

Não diga isso, que é uma calumnia. Minha madrinha não repelle na desgraça as pessoas estranhas, menos o fará a seu sobrinho.

JORGE

Não tenho coragem de pedir-lhe mais dinheiro... Preciso d'uma quantia grandê.

LUIZA

Quer o senhor Jorge que eu lh'a peça? Eu lanço-me

de joelhos aos pés d'ella, e digo-lhe o que diria para acudir a um meu irmão.

JORGE

Obrigado, Luiza: o seu coração é uma joia sem preço n'este mundo; mas não acceito o seu favor, porque sei que minha tia não me dá o dinheiro que preciso para resgatar a minha honra. Temos um meio, um unico meio, minha querida amiga, e esse depende todo da sua compaixão.

LUIZA

Qual é, qual é?

JORGE

Faz-me um favor impagavel, Luiza? quer salvar-me? promette fazer o que eu lhe pedir?

LUIZA

Oxalá que eu possa!

JORGE

Olhe, minha amiga, eu estou para receber brevemente a legitima de minha mãe. D'aqui a um mez estou rico; mas os meus creditos não podem sustentar-se até lá. De hoje até então preciso uma grande quantia, que pagarei impreterivelmente. Luiza, na sua mão está salvar-me. Minha tia tem um aderêço de brilhantes, que nunca poem. Luiza sabe onde elle está. Empreste-m'o, eu obtenho sobre elle o dinheiro que preciso, e d'aqui a um mez restituo-lhe o aderêço.

LUIZA

Ó senhor Jorge!... eu não faço tal...

JORGE

Porque?!

LUIZA:

Não sou capaz de tocar n'um alfinete de minha madrinha.

JORGE

Mas, Luiza, não vê que d'aqui a um mez estão as joias no mesmo logar, sem a tia ter dado fé de se lhe tocar?!

LUIZA

Não posso, não posso, faz-me tremer só a ideia de

abrir as gavetas de minha madrinha!... Pelo amor de Deus não me peça semelhante coisa, senhor Jorge! (*Vê-se D. Emilia espreitando da porta da alcova*).

JORGE

Então... folga com a minha deshonra? quer que eu seja vexado? Entendo-a, minha prezadíssima amiga! Espera ser herdeira de sua madrinha, e receia ficar sem as joias... Eu farei sempre de perto a sua velhacaria com capa de innocencia... Está enganada!... Hei de disputar-lhe a herança até á ultima rodilha d'esta casa! Hei de provar-lhe que na herança d'um governador de Loanda não póde succeder... *uma engeitada...* (*Sabe*).

SCENA III

LUIZA E DEPOIS D. EMILIA

LUIZA (*soluçando*)

Meu Deus! peço-vos sempre a vida de minha madrinha; recebi agora as minhas orações com o merecimento d'esta nova dôr! (*Ouve-se uma campainha. Luiza corre ao quarto de D. Emilia, e encontra-a a sahir. D. Emilia encosta-se-lhe ao hombro*). Como se sente, minha madrinha?

D. EMILIA

Pareceu-me ouvir a voz de Jorge.

LUIZA

Sahiu agora d'aqui.

D. EMILIA (*ironica*)

Veio saber de mim, sim?

LUIZA

Veio... sim... minha senhora...

D. EMILIA (*a meia voz, beijando-a*)

Que anjo! (*Alto*) Não o vi ha tres dias... (*Senta-se*) É um homem muito desgraçado, não é, Luiza?

LUIZA

É, é, minha madrinha!...

D. EMILIA

Já não sei o que hei de fazer para o melhorar...

Aquillo é destino. Ainda agora... tolera-se muito desatino a um rapaz de vinte e dois annos; mas o seu fim de vida... ha de ser triste...

LUIZA

Minha madrinha ainda podia valer-lhe...

D. EMILIA

Eul? dizes-me tu isso, Luiza?! Valer-lhe!... Como?

LUIZA

Dê-lhe dinheiro para elle pagar as suas dividas.

D. EMILIA

E se as dividas de Jorge absorvessem tudo o que eu tenho?

LUIZA

Não será tudo... pouco que nos fique bastará para nos sustentarmos. Se não chegar, eu trabalharei; e, com o meu trabalho, irei pagando á minha madrinha o desvelo com que me fez ensinar tantas prendas.

D. EMILIA

E que farias tu, depois da minha morte, se ficasses pobre?

LUIZA

Não me falle na sua morte... não?...

D. EMILIA

Oh! a mãe que puder apertar ao seio uma filha assim, ajoelhe e diga ao Senhor que o coração d'essa filha está perdido n'este mundo... Eu quero fallar a Jorge... Vae, filha, e diz a um criado que o avise de que eu o estou esperando.

LUIZA

Consegui a sua protecção ao senhor Jorge? diga-me que sim, madrinha, diga!...

D. EMILIA

Vae... vae, Luiza. (*Luiza sahe*).

SCENA IV

D. EMILIA

Eu tenho sido uma vil mulher!... Deus deu-me este thesouro, e eu escondi-o. É ella a que me enche o co-

ração de nobre orgulho, e eu... reneguei-lhe o nome. Filha do crime... e dotada de tantas virtudes!... Escondi esta minha riqueza aos olhos da sociedade, mascarei-a com um titulo falso em respeito ao mundo, e o mundo que me dá por este sacrificio?!... Sou duas vezes des-honrada aos meus proprios olhos!... Se não soube ser virtuosa... devia saber ser mãe. (*Soluçã, escondendo o rosto*).

SCENA V

D. EMILIA E JORGE

JORGE

Chamou-me, minha tia?

D. EMILIA

Chamei-o para implorar a sua misericordia.

JORGE

Como, minha tia?

D. EMILIA

A victima pede alguns dias de tregoa. Deixe-me morrer tranquillamente... retire-se d'esta casa, villão!

JORGE

Villão! eu sou homem a quem se chame *villão!* Explique-se... Que crimes fiz eu?

D. EMILIA

O senhor não fez crimes, no crime ha muitas vezes um ar de nobreza... O senhor o que tem são infamias.

JORGE

Comprehando... Sei onde se esconde a vibora. Poderei ter infamias; mas por mais infamias que tenha, falta-me uma: não fui engeitado, nem sou um miseravel que mão piedosa ergueu da lama. Hei de pagar a todos o insulto com usura. É a divida mais sagrada que tenho.

D. EMILIA (*de pé convulsiva*)

Eu sou uma mulher, senhor!... Grito por soçcorro, se se demora um instante. É o opprobrio da minha familia. Principiou pelo vicio, e acabou por suggerir o

roubo! Quis corromper o coração d'um anjo, que me ha de um dia matar a fome com algumas migalhas de pão...

JORGE (*rindo*).

A mim?!... veremos... (*Sahe*).

SCENA VI

D. EMILIA, UM CRIADO, E DEPOIS O PRIOR DE BEMFICA

CRIADO

O senhor prior espera as ordens de v. exc.^a

D. EMILIA (*prostrada*)

Que entre... Oh Sancto Deus, que fim de vida o meu!

PRIOR

Em que sobresalto a encontro, minha senhora!...

D. EMILIA

Estou muito opprimida... O senhor é um justo; peça a Deus por mim, que vou d'este mundo espedaçada fibra a fibra.

PRIOR

Vae, vae, minha querida senhora... E a bemaventurança para quem é?! Agora, que está raiando para v. exc.^a o sol do dia eterno, é cantar louvores ao Senhor. Bemditas sejam as mágoas no fim da vida, que são as ultimas flôres onde se geram os fructos do céu. Animo, minha sancta senhora!...

D. EMILIA

Escreveu, senhor padre Antonio?

PRIOR (*tirando do bolso da batina um rolo de papel*)

Sim, minha senhora; organizei os seus apontamentos; mas falta-me encher dois espaços, que v. exc.^a deixou em claro.

D. EMILIA

Bem sei: queira lêr esse artigo.

PRIOR (*tendo*)

«Instituo minha universal herdeira Luiza Amelia, minha afilhada, pelo muito que me merecem a sua amizade e serviços. (*Vê-se, ao fundo, Jorge espreitando*).

Nomeio meu testamenteiro o exc.^{mo} snr... » Aqui está um espaço em branco.

D. EMILIA

Faz favor de encher: (*dictando*) « Nomeio por meu testamenteiro o exc.^{mo} snr. Bernardo de Mascarenhas, residente em Lisboa, na calçada do Marquez d'Abrantes: » Queira lêr o que se segue.

PRIOR

« E para merecer ao citado testamenteiro os seus bons officios e zelosos cuidados a favor da minha dita afilhada Luiza Amelia, peço e supplico ao exc.^{mo} snr. Bernardo de Mascarenhas, que preste toda a consideração e benevolencia á minha ultima vontade, como se essa consideração e benevolencia lhe fosse pedida pela mãe de Luiza Amelia, a qual, ha dezoito annos, se chamava... » Aqui está outro espaço. (*Jorge desaparece*).

D. EMILIA

Faz favor de encher: « que ha dezoito annos se chamava Amalia de Sá. » Senhor padre Antonio... isto aqui é um confessorario... chame um tabellião para encerrar esse testamento que deposito em suas mãos... Espere... (*escutando*). Eu ouço a voz de meu irmão... Deixem-nos sós. (*O prior sahe*).

SCENA VII

D. EMILIA DE SÁ E FRANCISCO DE SÁ

FRANCISCO DE SÁ

Eu venho a chamar desde a porta da rua, e ninguem me falla. Como queres que te chame, Amalia ou Emilia? Será Emilia, visto que te chrismaste. Como tu estás acabada, mulher! isso que é?

D. EMILIA

É a velhice.

F. DE SÁ

Qual velhice! Tu tens trinta e nove annos, e eu quarenta e cinco. Como vae a tua afilhada? Eu não sei nada. O Jorge só me escreve quando quer dinheiro. Não sa-

bes quem hontem me pediu novas tuas com muito interesse? O Nobrega. Não te lembras d'um rapazote, que era Juiz de fóra, em Evora, em 1828? um rapaz que suciava muito com o cadete Mascarenhas? Olha, olha, inda não podes ouvir este nome sem mudar de côr! Isso é que foi amor com raizes... Pois o conselheiro Nobrega filou-me na calçada do Marquez de Abrantes, e fez-me dizer onde estavas, se eras solteira, casada, viuva... emfim, estou a vêr que o homem te quer fazer a côrte...

D. EMILIA

Falla tanto, e tão alto, mano!

F. DE SÁ

Se te parece, ha tres annos que te não vejo!... E o rapaz como se porta!...

D. EMILIA

É por causa de seu filho que o mandei chamar. A sua existencia n'esta casa é impossivel. Tenho esgotado todos os meios da prudencia. D'antes era tratada com indifferença; agora sou insultada.

D. DE SÁ

Insultada! Onde está esse patife!...

D. EMILIA

Não quero motim. Procure seu filho, e tire-o de minha casa sem desordem.

F. DE SÁ

Está segura, manã, deixa-o comigo. Elle está em casa?

D. EMILIA

Não sei.

F. DE SÁ

Eu vou procural-o. Porque me não avisaste ha mais tempo? Ora isto, ora isto! (*Sahe*).

SCENA VIII

D. EMILIA, LUIZA E DEPOIS O MEDICO

LUIZA (*com uma tigella, um guardanapo, e colhêr*)
Trago-lhe um caldinho, minha madrinha. Faz-me o sacrificio de o tomar? O senhor doutor vem ahi.

D. EMILIA

Dá cá: *(depondo-o na mesa)*. Deixa arrefecer!

MEDICO

Como estamos nós? O pulso está muito fraco. *(Tomando a chavena)* Tome o caldo

D. EMILIA

Está muito quente.

MEDICO

Arrefece-se. *(Senta-se basculejando o liquido com a colher, e reparando)*.

LUIZA

Não lhe parece que minha madrinha está melhor?

D. EMILIA

O doutor diz sempre que sim.

LUIZA

Então?! não responde? *(O doutor ergue-se examinando mais attentamente o caldo)*: Que está a vêr? *(O doutor prova o caldo e repelle-a da boca)*.

MEDICO

Este caldo ferveu em invasilha de cobre?

LUIZA

Não, senhor! que lembrança!

MEDICO

Aqui... ha veneno.

LUIZA *(arreatando-lhe a chavena)*

Jesus!

D. EMILIA

Veneno!

MEDICO *(serenamente)*

Veneno, sim; mas aquelle já a não mata... A sua situação não obstante é horrivel, minha senhora. Isto é muito grave... Tem suspeitas?...

D. EMILIA

Tenho. *(A Luiza)* Onde está Jorge?

LUIZA

Oh meu Deus!

D. EMILIA

Falla, Luiza... onde viste Jorge? debaixo de juramento t'o exijo!

LUÍZA *(com reluctancia)*

Vi-o, ha bocadinho, accendendo um charuto ao fogão.

D. EMILIA *(sorrindo)*

Vê, doutor? é meu sobrinho que me envenena... Que situação! deixe-me sorrir... o extremo da desgraça tem esta expressão.

MEDICO

Remedio prompto, senhora D. Emilia!

SCENA IX

OS MESMOS E CRIADO

CRIADO

Apeou-se um cavalheiro d'uma sege, e pede a v. exc.^{ta} o favor de o receber.

D. EMILIA

Não conheces?

CRIADO

Não, minha senhora.

D. EMILIA

Que situação para visitas sem familiaridade!... Que entre.

MEDICO *(a Luiza)*

Conduza-me á cozinha... *(Sahe)*.

SCENA X

D. EMILIA, e depois BERNARDO DE MASCARENHÁS

D. EMILIA

Reconheço a misericórdia divina na coragem que me dá! Quasi que vi com indiferença a morte de tão perto!.. *(Bernardo dá alguns passos, e a distancia para de repente, postos os olhos immoveis em D. Emilia. Ella ergue-se d'impeto, quer afastar dos olhos uma torção, e encosta-se convulsiva ao espaldar da cadeira)*.

MASCARENHAS (*indo para ella um passo*)

Es, Amalia! és tu?... (*D. Emilia faz-lhe um signal impetuoso de suspensão*) Não posso! Foge-me, se és uma sombra! És tu, Amalia? (*Cahe de joelhos aos pés d'ella, que lhe foge para ir cahir prostrada no sofá fronteiro. Mascarenhas ergue-se, e segue-a lentamente*). O infâmico que não teve coragem de matar-se desamparando-te, o penitente de dezenove annos, o primeiro desgraçado da terra... pede-te perdão. Amalia! (*Ergue as mãos*) Ha dez annos que os meus cabellos embranqueceram. Olha para mim, Amalia. As lagrimas na face d'um vellho são respeitaveis. Não deixes cahir sobre mim a sepultura sem me apagares, na alma, este inferno que vaé continuar-se n'outra vida, Amalia! (*Ajoelha*) Amalia! perdão! perdôa-me! Eu sei que devêra ter morrido antes de me deixar prender ao cadaver d'outra mulher. Eu fui um covarde, receando um degredo, um veneno, uma morte traiçoeira que devia acceitar em desconto das tuas lagrimas. Confesso a teus pés a minha baixa alma, para que tu m'a eives com o teu perdão, Amalia; perdôa-me, anjo de soffrimento, que me has de suavisar os meus ultimos dias! Perdôa-me! (*D. Emilia ergue-se com elle, e, soluçando um agudo gemido, cahe-lhe nos braços*).

D. EMILIA

Não podia esperar outra dôr ao pé da morte. Foi a Providencia que te encaminhou aqui. Eu devo abençoar a Providencia, e... abençoar-te. Vae em paz, meu infeliz amigo. Não me contes as tuas desventuras, que eu já as ouvi da bôca d'um filho, que chorava sua mãe. Sei-as, adivinho-as... Vae... vae...

MASCARENHAS

Não! Encontrar-te para perder-te de novo! Oh! então a nossa Providencia seria um escarneo! Não, Amalia! O abysmo que nos separa está vencido... Agora uma só vida e morte para nós ambos. Não me repulses, que repelles Deus que me trouxe aqui!

D. EMILIA

Vens assistir aos meus paroxismos... Olha que se

morre assim... Vae, vae, por misericordia... (*Senta-se, soluçando*).

MASCARENHAS (*após instantes de meditação*)

Dae-me um raio de luz, Senhor! (*Rápido*) Amalia! tu tens uma filha!... (*Ella encara-o assustada*) A mulher que amava Alfredo, é minha filha!... Responde, responde, que esta incerteza leva-me a uma demencia.

D. EMILIA (*suffocada*)

E.

MASCARENHAS

Mostra-m'a, mostra-m'a!

D. EMILIA

Vale-me, Mãe Sanctissima!... Escuta-me...

MASCARENHAS

É esta a felicidade que mata!... Amalia, deixa-me vêr nossa filha!

D. EMILIA

Sim... eu chamo-a... Faz-me um juramento... Não lhe dirás que és seu pae... Aquelle anjo condemna-me pela ingratidão de lhe não chamar filha até este momento.

SCENA XI

OS MESMOS, LUIZA E O MEDICO

MEDICO (*continuando a conversação com Luiza*)

Parece que o fim era o assassinio d'uma familia inteira! (*Vendo Mascarenhas*) Oh! v. exc.^a aqui o senhor Mascarenhas em Bemfica!? (*Luiza chega-se alvoroçada para D. Emilia; os olhos de Mascarenhas seguem-na, e assustam-na. O medico fixando-os todos:*) Aqui ha uma situação excepcional! (*Mascarenhas aproxima-se vagamente de Luiza, e toma-lhe a mão*).

MASCARENHAS

Está admirada de sentir o tremor d'esta mão?... Será amor ou odio?... Escute o que o coração lhe vae dizendo... Nada? nada?! (*Afflicção em D. Emilia*) Eu não lhe direi nada... (*A D. Emilia*) Venha cá, Luiza. (*Leva-a aos braços da mãe*) Abrace-a, abrace-a... Não sente ahi ba-

ter o coração de mãe? Crê que essas lagrimas possa choral-as uma madrinha? E agora... fuja d'esses braços de ferro que a apertam, deixe-se apertar ao meu seio; (*acompanha com acção as palavras*) não ouve, não sente, (*arrebatao*) não sentes, filha, minha filha, não sentes um coração de pae?

D. EMILIA (*muito atribulada*)

Jesus! (*Luiza estupefacta entre os dois*).

MASCARENHAS (*a Luiza*)

Então? nem uma lagrima? nem uma expansão de júbilo? Rejeitas aquella mãe? não queres que o pae d'Alfredo seja teu pae, e que o amado de tua alma seja teu irmão? (*Luiza, soltando um ai, corre a ajoelhar ao pé da mãe desfallecida.*) Doutor! tire-me d'aquelle lethargo... minha mulher!

MEDICO

Esperemos... isto passa... (*tacteando-lhe o pulso*)

MASCARENHAS

Meu amigo! auxilie-me... meu filho está alli fóra n'uma sege; chame-o. (*O doutor sahe. Mascarenhas toma a filha pela mão*) Luiza, quando tua mãe recuperar os sentidos, profere o meu nome, chama-me pae, e salvar-nos has a ambos... Amalia, Amalia!

D. EMILIA (*sacudindo os cabellos dos olhos*)

Quem me chama?

LUIZA

É meu pae que a chama; é meu pae, minha querida mãe. (*D. Emilia ergue-se impetuosamente, e lança-se nos braços de Mascarenhas*).

SCENA XII

OS MESMOS, MEDICO E ALFREDO DE TOVAR

MASCARENHAS (*com Emilia abraçada, e Luiza*)

Vem cá, Alfredo. O spectaculo é de prantos abençoados por Deus. Pasma, filho? Teu pae está sendo o homem mais feliz da terra... Queres tambem sê-lo? Queres um amor immenso, e infinito, que se continue no

céo? É o amor de irmã. Vem cá: entrego-te este anjo para esse amor. Dou-te minha filha; é tua irmã; é filha d'esta martyr por quem viste soffrer um algoz desde que a razão te ensinou a vêr a desgraça. Luiza é tua irmã, Alfredo. Abraça-a com effusão de todo o teu amor... e se a mãe d'essa menina te merece um osculo de filho..:

ALFREDO (*correndo a beijar a mão de Emilia*)
Minha mãe!

D. EMILIA (*abraçando-os a ambos*)
Meus filhos!... Agora... pôde vir a morte!

SCENA XIII

OS MESMOS, FRANCISCO DE SÁ E JORGE DE SÁ

F. DE SÁ' (*espantado*)
Eu conheço este cavalheiro!... (*a Mascarenhas*).

MASCARENHAS
Bernardo de Mascarenhas, antigo amigo do senhor Francisco de Sá, e amanhã o marido de sua irmã.

F. DE SÁ'
Sempre me pareceu que vinham a isto! Minha irmã acho que o namorava desde 1828! É bem certo o dictado do casamento e mortalha que no céu se talha. Pois, senhor, eu sinto muito vir interromper estas alegrias de nivos com uma scena feia e triste. Venha cá, Jorge! Ajoelhe aqui aos pés de sua tia. Já! (*impellindo-o*) quando não espedaço-o! Peça perdão, de modo que todos ouçam!

MASCARENHAS (*erguendo-o*)
Eu perdôo, em nome d'ella, quaesquer que sejam as culpas. A misericordia do Senhor desceu hoje sobre todos nós.

ALFREDO
É preciso que desça. Entre nós está um homem muito desgraçado, e é preciso que elle seja feliz. Jorge de Sá pôde rehabilitar-se com o dinheiro n'esta sociedade, onde o dinheiro é o Jordão que lava todas as no-

doas. Minha mãe e irmã não carecem dos bens que possuem para serem felizes.

MASCARENHAS

Eu renuncio os bens de minha mulher em favor de seu sobrinho.

Dou-lh'os com uma condição. Ha de julgal-os sempre herança d'uma tia morta com veneno.

VOZES

Venenol

D. EMILIA

Isto são palavras sem significação. Eu quiz dizer que nunca mais acceitarei na minha presença esse homem.

SCENA ULTIMA

OS MESMOS, UM CRIADO E O CONSELHEIRO NOBREGA

CRIADO

O senhor conselheiro Nobrega.

CONSELHEIRO (*entrando, com grande pasmo, a D. Emilia*)

Eu vinha prevenil-a, minha senhora... Mas... acho que já não é preciso... (*Rindo*).

FIM

